

Do «Estímulo de Amor» e do «Ofício da Paixão», de S. Boaventura, na Idade Média Portuguesa

Na versão portuguesa da *Chronica XXIV Generalium*, talvez do final do séc. XIV¹, liam os nossos franciscanos os feitos da sua ordem (*gesta Dei per fratres minores*, digamos assim) entre eles a vida e obras de S. Boaventura: de como o Santo pensava que uma «velhazinha», amiga de Deus, podia subir mais alto do que um professor de teologia²; das muitas letras de S. Boaventura e da sua mestria na arte de bem governar³; e de como, no Monte Alverne, «compilou devotamente» o livro chamado *Caminheiro da vontade em Deus* e certa obra intitulada *Itinerarium mentis in se ipsum*⁴.

Em 1261, continua o cronista, escreveu «a vida de Sam Francisco por maravilhosa maneira», reduzindo-a depois a forma mais breve. Assistiu ainda à trasladação de St.º António, cuja língua bendita «foy achada rezemte e vermelha», voltou depois a ensinar em Paris e acabou por deixar incompleto «o livro qu' é intitulado *Das sete visões* ou *lumes*»⁵, por o terem eleito bispo de York.

Até aqui, a *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, bastando-nos acrescentar a obrinha poética, em latim rítmico, chamada *Officium de Passione Domini*. Ora, este *Ofício da Paixão do Senhor* correu

¹ *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, t. 1 (Coimbra, 1918) pp. XIV-XV do prefácio por José Joaquim Nunes.

² *Ib.*, pp. 184-185.

³ *Ib.*, t. 2 (Coimbra, 1918) pp. 179 e ss.

⁴ *Ib.*, p. 181. Noutros casos, aparece *ipsam* em vez de *ipsum*.

⁵ *Ib.*, pp. 185, 186, 190.

mundo sob outros nomes (*Officium de Cruce, Cursus de Passione Domini*, etc.) e entrou nas Horas del-rei D. Duarte.

Dele fala o cronista Frei Marcos de Lisboa, dizendo: «A requerimento de São Luys rey de França, compôs hum officio da Cruz devotissimo, o qual sem nelle mudar algũa cousa foy recebido da igreja e se le em toda parte»⁶.

1. O «Estímulo de Amor» em medievo-português

Outras obras de S. Boaventura andaram, além desta, pelos caminhos da Idade Média portuguesa, embora perdêsemos, quase sempre, o rasto da sua passagem. Ainda assim, lembramos, por exemplo, que os franciscanos de Matosinhos possuíam, na biblioteca, uma «forma noviciorum de frei Boaventura», em latim⁷.

Segundo parece, o *Stimulus Amoris*, de S. Boaventura, chegou a penetrar nas camadas cultas dos leigos do séc. xv, por andar em português. Como outros livros boaventurianos, também este correu mundo em manuscritos e edições antigas sob nomes diversos e, por vezes, desorientadores: *Incendium Amoris*, *Itinerarium mentis in se ipsam*, etc. Quer dizer: *Incêndio de Amor*, *Itinerário da mente para si mesma*. E já agora, apontamos outros títulos: *Fonte de Vida*, *Regime da Consciência*, *Opúsculo das três vias*, *Ternário da vida contemplativa* e até *Parvum Bonum*, num códice do séc. xiii, sendo este o título duma edição de Montserrat, ano de 1499, por iniciativa de Garcia de Cisneros. *Parvum Bonum*, como quem diz: *Pequeno Tesouro*.

Nenhuma dúvida sobre a autenticidade desta obra de S. Boaventura e gostamos de transcrever as linhas do testamento do Infante Santo que se lhe referem, linhas essas escritas antes de abalar para Tânger: «hũu livro de linguagem que chamam *Estimullo Amoris*»⁸.

Destinou-o D. Fernando aos frades menores do convento de S. Francisco de Leiria e ninguém apreciaria mais esta obrinha em vernáculo do que os religiosos do Pobrezinho de Assis.

⁶ FREI MARCOS DE LISBOA, *Crônicas da Ordem de S. Francisco*, t. 2 (Lisboa, 1615) fl. 39 v.

⁷ A. DE MAGALHÃES BASTO, *Memórias soltas e inventários do oratório de S. Clemente das Penhas e do mosteiro de N. S. da Conceição de Matosinhos* (Porto, 1940) p. 72.

⁸ *Monumenta Henricina*, t. 6 (Coimbra, 1964) p. 118.

O *Estímulo de Amor* é uma obra de alta espiritualidade, centrada nas três vias interiores (purgativa, iluminativa e unitiva) e nos degraus por que subimos na escada do amor de Deus. Temos, assim, a suavidade ou doçura, a avidez espiritual, a saciedade, a embriaguez espiritual, a segurança, a tranquilidade plena — e cada um destes degraus deriva do antecedente, em forma de cadeia cujo primeiro elo consiste na doçura do amor de Deus. Por sua vez, cada um destes degraus subdivide-se em sete degraus ou subidas, por onde nos alteamos ao sono pacífico (*sopor pacis...*) da contemplação. Por outros sete, subimos ao esplendor da verdade. E ainda por mais sete, chegamos à doçura do amor, pela acção do Espírito Santo. E assim por diante.

O *Estímulo de Amor* não deve ler-se dum fôlego e pôr-se de lado mas, sim, viver-se a passo e passo, ao longo de anos e anos. É um guia que não percorre o caminho sem nós, tal qual os *Exercícios Espirituais* de St.^o Inácio de Loiola.

Teria o Infante Santo feito meditação pelo *Estímulo de Amor*? Julgamos que sim, atendendo ao prestígio de S. Boaventura e ao gosto do infante D. Fernando pelas obras de espiritualidade. Conforme consta das informações de Frei João Álvares, seu secretário e amigo, tinha o Infante Santo «muy grande e nobre livrarya de todalas obras eclesiasticas e segraaes», gostando muito de «rezar e leer per livros»⁹.

Aliás, a vida que o infante D. Fernando levou nas enxovias de Marrocos faz-nos ver, nele, um homem habituado à contemplação e gozando, certamente, duma experiência religiosa profunda. O *Estímulo de Amor* despertaria, desde há muito, a sua curiosidade religiosa e também o gosto de seguir os ensinamentos espirituais de S. Boaventura.

Escrevemos atrás: *Segundo parece...* E porquê? Por ter surgido, no séc. XIII, outro livro do mesmo nome, *Stimulus Amoris*, atribuído pelos historiadores ao franciscano Frei Iacopo de Milão. Escrita em latim, esta obrinha afectiva, de sabor popular e nem sempre de bom gosto, apresenta-se em duas recensões, uma curta e outra longa, e foi traduzida em francês, espanhol, alemão, toscano, inglês e até em gaélico. Enfim, no ano de 1550, em Lisboa, imprimiu

⁹ FREI JOÃO ÁLVARES, *Obras*, t. 1 (Coimbra, 1960) pp. 16-17.

Germão Galharde uma versão portuguesa: *Livro chamado Stimulo de amor divino. Tirado do que fez Sam Bôaventura.*

Pertence esta versão à recensão mais extensa e posterior (Inc.: *Currite gentes...*), conforme salta à vista logo no começo do primeiro capítulo: «Corree gentes de toda parte»... E como enraíza claramente na tradição espiritual de S. Boaventura, donde tirou meditações, orações e vários pensamentos, imitando umas coisas, exagerando outras, nada tão natural como ver andar este livrinho pelo mundo sob o nome do grande franciscano.

Seria este o *Estímulo de Amor* da biblioteca do Infante Santo? É possível. Neste caso, teríamos, por assim dizer, uma espécie de S. Boaventura em segunda mão, carreando consigo bastante doutrina do santo doutor e alguma coisa do seu estilo.

Quanto aos monges de Alcobaça, tinham na sua famosa biblioteca o *Compendium theologiae veritatis*, do Pseudo-Boaventura, em letra de transição, da primeira metade do séc. XIV. Trata-se dum códice de pergaminho, com iniciais a vermelho e a azul, filigranadas, algumas delas a ouro e a cores, no começo de cada livro. Copiou-o Frei João, do Mosteiro de Alcobaça, às ordens do abade alcobacense D. Estêvão Pais. E acabou-o a 9 de Janeiro de 1332, pedindo ao leitor um pai-nosso, uma ave-maria e o credo. Que se lembrassem dele, pecador: «ut mei, peccatoris, memineritis»¹⁰.

Será necessário lembrar ao leitor que o *Compendium theologiae veritatis*, embora às vezes impresso entre as obras de S. Boaventura, pertence ao dominicano Frei Ripelin, prior do convento de Estrasburgo († c. 1280)? E que o atribuíram também a S. Tomás de Aquino, a S. Alberto Magno, a Frei Gil de Roma, ao dominicano oxoniense Tomás Sutton e a outros?

Se nomeamos aqui esta obra apócrifa, fazemo-lo com razão para isso, pela sua dependência do *Breviloquium* de S. Boaventura. De facto, o *Compendium theologiae veritatis* nasceu e prosperou amparado ao grande mestre franciscano e por isso o nomeamos aqui. Sobretudo na Idade Média, um autor era ele mesmo e boa parte dos seus apócrifos. E em geral, quanto mais famoso, maior o número de apócrifos à sua volta, à maneira de constelações.

¹⁰ Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. 376.

2. O Ofício rítmico da Santa Cruz nas Horas del-rei D. Duarte

Mas já é tempo de estudar o *Ofício da Santa Cruz*, por S. Boaventura¹¹, de que os *Analecta Hymnica Medii Aevi* publicam os versos e esquecem a prosa¹². Pelo menos, escrevem os anotadores, já vem de longe tal atribuição, pois figura na *Crónica dos 24 Gerais* ou, em latim, *Chronica XXIV Generalium Ordinis Minorum*: «Hic Generalis (Bonaventura) ad instantiam Domini et sancti Ludovici, regis Franciae, officium devotissimum de cruce composuit»¹³. Quer dizer que S. Boaventura, que foi geral dos franciscanos, compôs o *Ofício da Cruz*, a pedido de S. Luís, rei de França.

Por seu lado, as edições Quaracchi¹⁴ consideram autêntica essa obra, e não apócrifa, sob o título de *Officium de Passione Domini*, repetindo a afirmação da *Crónica dos 24 Gerais*, a saber, que tais Horas da Santa Cruz, como diz o códice duartino, escreveu-as S. Boaventura para o sobredito rei de França, S. Luís¹⁵, talvez entre 1242 e 1247¹⁶.

As Horas de D. Duarte referem-se claramente à autoria do santo franciscano, ainda então por canonizar: *Incipiunt hore sancte crucis edite a domino Bonaventura, Romane ecclesie cardinali, ordinis minorum dignissimo professore*¹⁷. E nós poderíamos chamar-lhes Horas Longas para as distinguir das habituais Horas Breves da Santa Cruz.

Além dos salmos usuais, o invatatório está em prosa, assim como as orações e lições, sendo estas sobre a paixão do Senhor. Da prosa, transcrevemos unicamente o invatatório, algo rimado, por acaso ou de propósito. E copiamos também a oração das laudes.

¹¹ C. FISCHER, O. F. M., *Bonaventure (Apocryphes attribués à Saint)* em *Dictionnaire de Spiritualité*, t. 1 (Paris, 1937) col. 1845.

¹² *Analecta Hymnica Medii Aevi*, t. 50 (Nova Iorque-Londres, 1961) n.º 382.

¹³ *Ib.*, nas notas finais do n.º 382.

¹⁴ S. BOAVENTURA, *Opera omnia*, t. 8, pp. 152-158.

¹⁵ Cf. E. LONGPRÉ, O. F. M., *Bonaventure* em *Dictionnaire de Spiritualité*, t. 1 (Paris, 1937) col. 1769.

¹⁶ Cf. W. LAMPEN, O. F. M., *De officio divino in Ordine Minorum juxta S. Bonaventuram*, em «Antonianum», t. 2 (Roma, 1927) p. 149.

¹⁷ Torre do Tombo, Livro de Horas del-rei D. Duarte, fl. 187. Estas Horas da Santa Cruz ou Ofício da Paixão, de S. Boaventura, terminam na fl. 213 v.

Invitatorium

Regem Christum crucifixum. Venite, adoremus.

Venite, adoremus Deum, ploremus et procedamus ante eum, propter nos hominem factum, nature et legi subiectum, fame, siti, estu, frigore, ventis, ymbribus, vigiliis, ieiuniis, laboribus, angustiis, doloribus ceterisque infirmitatibus nostris, Deo homini non congruis, confectum, baptizari dignatum, temptatum, reprobatum, traditum, lavantem pedes discipulorum, paventem in agonia prolixius orantem, sudorem tanquam guttas in terram sanguinis fundentem, comprehensum, tractum, trusum, ligatum, Anne, Cayphe, Pylato, Herodi presentatum, accusatum, iudicatum, dampnatum, alba veste indutum, facie velatum et consputum, colaphis, alapis, flagellis, arundine cesum, vesie propria exutum, veste coccinea indutum, corona spinea, sceptro (18) arundineo, adoratione, salutatione illusum.

Regem Christum crucifixum. Venite, adoremus (19).

Neste invitatório, ressalta logo o refrém, rezado alternadamente pelas duas partes do coro. E o oficiante encarrega-se do resto: «Vinde, adoremos a Deus, choremos e prostremo-nos diante dele, que se fez homem por amor de nós, sujeitando-se à natureza e à lei, vivendo acabrunhado pela fome, pela sede, pelo calor, pelo frio, ventos, chuvas, vigílias, jejuns, trabalhos, angústias, dores e outros sofrimentos impróprios de Deus-homem, ele que se dignou receber o baptismo, ser tentado, condenado e traído, lavando os pés aos apóstolos, orando ainda mais num mar de medo e agonia, derramando por terra gotas de suor de sangue, e preso, arrastado, empurrado e de mãos atadas foi apresentado a Anás, Caifás e Pilatos! Acusado, julgado e condenado, vestido com uma túnica branca, cuspidos e com o rosto tapado, deram-lhe murros, bofetadas e açoites, bateram-lhe com uma cana e, tirando-lhe os vestidos, cobriram-no de púrpura, puseram-lhe uma coroa de espinhos, entregaram-lhe uma cana por ceptro e escarneceram dele, saudando-o em modo de adoração!».

Resume isto toda a Paixão, acumulando traços sobre traços, sem adjectivação retórica, porque os factos falam por si e caem sobre o leitor como neve empurrada por vento forte.

Transcrevemos, agora, o hino de matinas, cujas estrofes significam o seguinte: «Na paixão do Senhor, pela qual se salvaram

¹⁸ No ms., *sceptro*.

¹⁹ *Ib.*, fl. 187-187 v.

os homens, esteja o nosso refrigério e os desejos dos nossos corações. Recordemo-nos, sempre, não só das penas mas também dos opróbrios de Cristo, da sua coroa de espinhos, da cruz, dos cravos e da lança, assim como das chagas sacratíssimas (bem dignas de todos os louvores) e do vinagre, do fel, da cana e da amargura da sua morte. Que todas estas coisas nos saciem e docemente nos inebriem, enchendo-nos de virtudes e de frutos gloriosos. A Ti, crucificado, veneramos e pedimos de todo o coração que, no Céu, nos juntes às multidões dos bem-aventurados. Louvor, honra a Cristo vendido e entregue sem razão, sofrendo morte, por amor do povo, em áspero patíbulo! Amen».

Ymnus

In passione Domini,
qua datur salus homini,
sit nostrum refrigerium
et cordis desiderium.

Portemus in memoria
et penas et obprobria
Christi, coronam spineam,
crucem, clavos et lanceam.

Et plagas sacratissimas,
omni laude dignissimas,
acetum, fel, arundinem,
mortis amaritudinem.

Hec omnia nos sacient
et dulciter inebrient,
nos repleant virtutibus
et gloriosis fructibus.

Te, crucifixum, colimus
et toto corde poscimus
ut nos sanctorum cetibus
jungas in celestibus.

Laus, honor Christo vendito
et sine causa prodito,
mortem passo pro populo,
in aspero patibulo. Amen ⁽²⁰⁾.

²⁰ *Ib.*, fl. 188-188 v. RABY, *A History of Christian-Latin Poetry...* (Oxford, 1953) p. 424, considera este hino o mais perfeito de todo o ofício.

No final das matinas, vem o *Te Deum* e segue-se uma oração-meditação, em prosa, sobre a paixão de Nosso Senhor ²¹. Impossível, porém, copiar tudo. E ainda menos traduzi-lo em português. Basta-nos transcrever uma parte, a fim de o leitor fazer uma ideia:

«*Passionem Christi ad memoriam revocemus, bonitatem redemptoris nostri pertractemus, consideremus ergo eum pre angustia, mortis in agonia, prolixè orationis usque ad sudorem sanguinis fatigatum, per traditorem discipulum tam fraudulenter captum, tam crudeliter ligatum, de domo in domum tam turpiter permutatum, ad tribunal Pylati pro malefactore traditum*»... ²².

Quanto ao *Te Deum*, embora comece com essas duas palavras, é uma adaptação aos sofrimentos e humilhações do Senhor. Estas Horas chamam-lhe hino, porque o é de verdade. Hino ou cântico de louvor:

Y m n u s

Te Deum laudamus, qui carnem induisti,
 Qui lac virginal, puer factus, a virgine matre suxisti,
 Qui sub cura matris in maiorem crevisti,
 Qui parvus et maior miracula fecisti,
 Qui mandata legis in templo docuisti,
 Qui vitam perfectam exemplis ostendisti,
 Qui verbum salutis mundo propinasti,
 Qui te, velut homo, temptari permisisti,
 Qui nostros defectus in corpore tuo tulisti,
 Qui tandem, in cruce, mortem sustinuisti,
 Qui matrem Ihoanni in morte commisisti,
 Qui nec eius penis nec tuis pepercisti,
 Tibi supplicamus, pro quibus tot egisti,
 Nos, matris amore, serves a morte tristi.
 Misere nostri, Ihesu benigne,
 Qui passus es pro nobis clementer in cruce (²³).

«A ti louvamos, Deus, que encarnaste e foste menino, sugaste o leite virginal da Virgem Mãe; que foste crescendo sob os cuidados maternos, fazendo milagres em criança e em adulto; que ensinaste

²¹ *Ib.*, fls. 191 v.-192 v.

²² *Ib.*, fl. 191 v.

²³ *Ib.*, fls. 190 v.-191 v. Logo depois, esta frase: *Post te deum laudamus, dicitur hec oratio*. E seguem as páginas, em torno da Paixão, de que transcrevemos o começo.

no Templo a cumprir os mandamentos da Lei e mostraste, com o teu exemplo, o caminho da vida perfeita, dando a beber ao mundo a palavra da salvação; que, enquanto homem, permitiste a tentação, levaste no teu corpo as nossas misérias e, por fim, padeceste morte na cruz, encomendando nessa hora a tua mãe a S. João, sem nunca poupare os sofrimentos dela nem os teus! Nós, por quem tanto fizeste, pedimos-te que, por amor da tua mãe, nos livres de morte infeliz! Jesus misericordioso, tem compaixão de nós, tu que por nós sofreste amorosamente na cruz!».

Será de S. Boaventura († 1274) este *Te Deum*? Ou não passará duma espécie de hino corrente, por ele adoptado no seu *Ofício da Paixão*? Seja como for, voltaremos a encontrá-lo adiante, numas Horas das Dores de Nossa Senhora, atribuídas ao papa João XXII († 1334). Talvez estas o herdassem do *Ofício da Paixão*.

Passemos, agora, ao hino das laudes e à respectiva oração, também ele em latim rítmico, mas em octossílabos ágeis e bem rimados. E dizemos octossílabos, porque, repetimos, se contava até à última sílaba, fosse ela tónica ou átona.

Ymnus

Christum ducem, qui per crucem
redemit nos ab hostibus,
laudet cetus noster letus,
exultet celum laudibus.

Pena fortis tue mortis
et sanguinis effusio
corda terant ut te querant,
Ihesu nostra redemptio.

Per felices cycatrices,
sputa, flagella, verbera,
nobis grata sint oblata
eterna Christi munera.

Nostrum tangat cor, ut plangat,
tuorum sanguis vulnerum,
in quo loti sumus toti,
conditor alme syderum.

Passionis tue donis
salvator noster inebria,
qua, fidelis, dare velis
beata nobis gaudia.

Laus, honor Christo vendito
et sine causa prodito,
mortem passo pro populo,
in aspero patibulo. Amen ²⁴.

Como se vê, são iguais a derradeira estrofe deste hino e a do hino de matinas, acontecendo o mesmo ao longo destas *Horas da Santa Cruz* ou *Ofício da Paixão*. Por esse motivo, daqui em diante a abreviaremos, copiando só as duas primeiras palavras. O hino acima transcrito quer dizer, em substância: «A Cristo que nos guia e nos remiu dos inimigos, pela cruz, louvêmo-lo todos alegremente e que o Céu exulte com hinos. A pena forte da tua morte e o derramamento do teu sangue esmaguem os nossos corações, para eles te buscarem a ti, Jesus, que és a nossa redenção. Pelas benditas chagas, pelos escarros, açoites e pancadas, sejam-nos oferecidos os agradáveis e eternos dons de Cristo. Para chorarmos, chegue-nos ao coração o sangue das tuas feridas, em que todos fomos lavados, ó nobre construtor dos céus! Salvador nosso, inebria-nos com os dons da tua paixão e por ela, tu que és fiel, dá-nos as alegrias da bem-aventurança!».

Fixe o leitor esta forma estrófica e rítmica, uma das mais belas da poesia medievo-latina. Vamos encontrá-la, por exemplo, no famoso *Mariale* de Frei Bernardo de Morlans, do séc. XII²⁵. Não no prólogo, mas, sim, nos 15 «ritmos» (ou sequências, diremos nós) do sobredito *Mariale*, abrangendo numerosas estrofes. Só que, aos octossílabos de S. Boaventura correspondem heptassílabos não menos musicais, no segundo e quarto verso de cada estrofe:

Omni die dic Mariae
Mea, laudes, anima;
Eius festa, eius gesta
cole splendidissima.

Contemplare et mirare
Eius celsitudinem;
Dic felicem genetricem,
Dic beatam virginem.

²⁴ *Ib.*, fl. 193-193 v.

²⁵ *Analecta Hymnica Medii Aevi*, t. 50 (Nova Iorque-Londres, 1961) n.º 323, pp. 424-482.

Ipsam cole, ut de mole
Criminum te liberet;
Hanc appella, ne procella
Vitiorum superet²⁶.

Toda a Europa do Ocidente cantou estes versos nos conventos e nós ainda os escutámos algumas vezes.

É simples a oração das laudes, seguida por outras do mesmo tipo: «Domine Ihesu Christe, qui hora diei matutinali, pro salute humana tradi, capi, ligari, alapis cedi et conspui voluisti, fac nos, quesumus, contumelias et obprobria, pro tui nominis gloria, letanter suscipere et sic nos tue sacratissime huius passionis memoriam continue recordari sicque tibi, solo domino, pro nobis crucifixo, jugiter famulari, ut ad tue resurrectionis consortium mereamur feliciter pervenire»²⁷.

Em suma, que Jesus nos leve a sofrer alegremente insultos e opróbrios, pela glória do seu nome, merecendo assim unir-nos à sua ressurreição, depois de vivermos continuamente unidos aos sofrimentos da Paixão e de servirmos a Cristo crucificado.

Passemos agora ao hino de prima: «Tu que, de face velada, foste o Sol de justiça e a quem escarneceram os que diante de ti se ajoelhavam, sê-nos propício e, pela tua misericórdia, leva-nos à glória!».

Tu qui velatus facie
fuisti sol iusticie,
flexis illusus genibus,
cesus quoque verberibus.

Te petimus attentius
ut sis nobis propicius
et, per tuam clemenciam,
perducas nos ad gloriam.

Laus, honor, etc.²⁸.

O hino de terça recorda-nos que foi nessa hora que Jesus se pôs a caminho do Calvário, levando a cruz aos ombros, por amor

²⁶ *Ib.*, pp. 427-428.

²⁷ Torre do Tombo, Livro de Horas del-rei D. Duarte, fls. 194 v.-195.

²⁸ *Ib.*, fl. 196 v.

de nós. Que ele nos ajude a levar uma vida santa, para merecermos o descanso da glória celeste!

Hora qui²⁹ ductus tercia
fuiſti ad ſupplicia,
Chriſte, ferendo humeris
crucem, pro nobis miſeris.

Fac nos ſic te diligere
vitamque ſanctam ducere,
ut mereamur requie
frui celeſtis glorie.

Laus, honor, etc.³⁰.

Como de costume, os hinos vão surgindo, sempre à volta da paixão de Jesus. Por nós, ſofreu ele os tormentos da cruz, diz-nos o hino da ſexta. E ſtando nela, teve ſede, com as bentas mãos e os pés atravessados por cravos!

Crucem pro nobis ſubiit
et, ſtans in illa, ſicut
Iheſus, ſacratis manibus
clavis foſſis et pedibus.

Honor et benedictio,
ſit crucifixo Filio
qui ſuo nos ſupplicio
redemit ab exilio.

Laus, honor, etc.³¹.

O hino de noa explica-nos que foi neſſa hora que o Senhor exclamou *meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*, entregando logo a ſua alma ao Pai:

Qui cruce clamas anxie
hely, Iheſu, rex glorie,
Patri commendans ſpiritum,
da tuis mentis alitum.

²⁹ Neſte verſo, *qui* refere-se a Chriſto.

³⁰ *Ib.*, fl. 198 v.

³¹ *Ib.*, fl. 201 v.

Sit decus et imperium
Ihesu qui, per misterium
crucis, Adam cum filiis
redemit a suppliciis.

Laus, honor, etc.³².

Longo é o hino de vésperas, de estrutura igual ao das laudes, com as mesmas quadras de rima interior, no primeiro e terceiro verso. «Jesus, tu que pelo aperto da morte dura desataste os laços dos nossos pecados, conduze-nos à verdadeira paz! Tu que bebeste o fel amargo, por causa dos pecados que fizemos, dá-nos, aos que recordamos o suplício da tua morte, a força e a salvação! No altar amargo da cruz derramaste rios de sangue, ó rei benigno! Ó sangue de Cristo, tu que mataste o inimigo dos homens, faz que tenhamos sede e que cheguemos à ceia do Cordeiro!».

Qui pressura mortis dura
solvisti nexus criminum,
nos ad pacem duc veracem,
Ihesu, corona virginum.

Qui, flagellis, potum fellis
bibisti amarissime,
pro peccatis perpetratis,
eterne rex aluissime.

Nostre genti, recolenti
mortis tue supplicium,
da virtutem et salutem
Christe, redemptor omnium.

In amara crucis ara,
fudisti rivos sanguinis,
Ihesu digne, rex benigne,
consors paterni luminis.

Sanguis Christi, qui fuisti
peremptor hostis mundi,
fac sitire ac nos venire
ad cenam agni providi.

Laus, honor, etc.³³.

³² *Ib.*, fl. 204 v.

³³ *Ib.*, fl. 209-209 v.

Inútil acentuar que, na poesia latina profana, também se faziam versos parecidos, como se à estética não interessasse a diferença entre o mundo sagrado e o secular:

Hiemale tempus, vale,
estas redit cum leticia;
cum calore, cum decore,
hacc estatis sunt indicia³⁴.

Porém, talvez seja melhor verificar a sobrevivência da rima interna em romance, como se fosse idêntica a sensibilidade musical nesta poesia e nas composições sintónicas do latim medieval:

Virgem pura, tua ternura
É de alívio ao meu penar!
Noite e dia, de Maria
A beleza hei-de cantar!

Falta-nos ainda o curto hino de completas: Tu, que jazeste morto no sepulcro, ó sem maldade, faz com que em ti descansemos e a ti procuremos, redentor nosso! Socorre, Senhor, aos que remiste com o teu sangue, tira-nos da miséria e dá-nos a alegria da paz:

Qui iacuisti mortuus
in petra, rex innocuus,
fac nos in te quiescere
et te, redemptor, querere.

Succurre nobis, domine,
redemptis tuo sanguine,
educ nos de miseria
et dona pacis gaudia.

Laus, honor, etc.³⁵.

Vigorava a comunidade formal da poesia religiosa e profana, a que atrás nos referimos. E assim, nas *Cambridge Songs*, ou melhor *Carmina Cantabrigiensia*, vem uma composição goliardesca, *Verna feminae suspiria*³⁶, estruturada em estrofes de octossílabos, de rimas

³⁴ RABY, *The Oxford Book of Medieval Latin Verse* (Oxford, 1959) p. 300

³⁵ Torre do Tombo, Livro de Horas del-rei D. Duarte, fls. 211 v.-212.

³⁶ RABY, *The Oxford Book of Medieval Latin Verse* (Oxford, 1959) pp. 173-174.

emparelhadas. A mulher suspira, sentindo em volta a doçura da Primavera e olhando para os pássaros a cantar, entre as árvores floridas, onde fazem os ninhos:

Struunt lustra quadrupedes
et dulces nidos volucres,
inter ligna florentia
sua decantant gaudia.

Versos iguais e disposição rítmica idêntica já vimos no hino de completas, de S. Boaventura. Para Deus e para o vasto mundo, a estética era sensivelmente a mesma, então e agora.

Muitas são as variantes deste *Ofício da Santa Cruz*³⁷. Não interessam, porém, ao leitor. Só notamos que em vão o procurámos nas centenas de Livros de Horas analisados por Leroquais. Isto coloca o códice duartino em posição de privilégio.

Na Idade Média, a noção de plágio esbatia-se docemente, num espírito simpático de comunidade literária. Os menos imaginativos compunham, assim, um ramalhete sem originalidade, mas com certa beleza. Não estranhemos, pois, que o Pseudo-João XXII buscasse, neste ofício de S. Boaventura, alguns versos para as *Horas das Dores de Nossa Senhora*³⁸.

Mais tarde, este plágio não intencional (pensamos nós) redundaria em glória do Santo — glória essa em que ele nunca pensou.

Aliás, apesar de bom poeta no verso era sobretudo na prosa que ele revelava «the rich poetical clothing with which he could invest his thought»³⁹.

MÁRIO MARTINS S. J.

³⁷ *Analecta Hymnica Medii Aevi*, t. 50 (Nova Iorque-Londres, 1961) n.º 382, pp. 568-570.

³⁸ Torre do Tombo, Livro de Horas del-rei D. Duarte, fls. 217 v.-234.

³⁹ RABY, *A History of Christian-Latin Poetry* (Oxford, 1953) p. 425.